

# DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO DE COMUNIDADES DE MANDIOCULTORES DO BAIXO TOCANTINS, PARÁ

Moisés de Souza Modesto Júnior<sup>1</sup>, Raimundo Nonato Brabo Alves<sup>2</sup>, Enilson Solano Albuquerque Silva<sup>3</sup>

1. Eng. Agrôn. Especialista em Marketing e Agronegócio. Analista da Embrapa Amazônia Oriental. Tv. Dr. Enéas Pinheiro, s/n, Caixa Postal 48, CEP 66.095-100, Belém, PA. E-mail: [moises@cpatu.embrapa.br](mailto:moises@cpatu.embrapa.br).

2. Eng. Agrôn. M.Sc. em Agronomia. Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental. E-mail: [brabo@cpatu.embrapa.br](mailto:brabo@cpatu.embrapa.br)

3. Eng. Agrôn. M.Sc. em Agronomia. Analista da Embrapa Amazônia Oriental. E-mail: [enilson@cpatu.embrapa.br](mailto:enilson@cpatu.embrapa.br)

## Introdução

Na região do Baixo Tocantins predomina o sistema de derruba e queima para o cultivo de mandioca visando principalmente o processamento da farinha. Os agricultores familiares têm como característica marcante o manejo de capoeiras em regeneração para o cultivo de culturas como pimenta do reino, cacaueteiro, açaizeiros e cupuaçuzeiros, cultivadas em sistemas mais tecnificados envolvendo aplicação de agroquímicos com aporte de crédito rural, enquanto as culturas de mandioca, arroz e milho são cultivadas com baixo nível tecnológico dependendo somente da força de trabalho familiar, da fertilidade natural dos solos e das cinzas das queimadas.

A baixa produtividade média de raízes de mandioca nos municípios da região, na ordem de 14,68 t/ha (IBGE, 2009) que se contrapõe a produtividade acima de 27,64 t/ha obtidos nos experimentos de ALVES et al. (2008) motivou o SEBRAE a financiar um programa de difusão e transferência de tecnologias nessa região.

O presente trabalho teve por objetivo determinar indicadores da realidade socioeconômica e estrutural de comunidades de agricultores familiares da Região do Baixo Tocantins para subsidiar políticas públicas e a adoção de tecnologias sustentáveis para cultivo da mandioca.

## Materiais e Métodos

O diagnóstico foi realizado nas comunidades de Itacuruçá-Alto em Abaetetuba, Trevo em Moju, Guarumã em Acará, Porto Grande e Vila Moiraba em Cameté e de Açaizal em Baião.

As informações foram obtidas por meio de aplicação de questionários na casa ou no local de trabalho do agricultor familiar. Os questionamentos abordaram os aspectos relacionados à vida social e às atividades econômicas. O total de agricultores entrevistados representou uma amostra global de 20% do universo de agricultores das comunidades envolvidas.

Foi feita uma análise descritiva dos dados com estudo de média aritmética e na maioria das variáveis estudadas foi apresentada a porcentagem de indivíduos em cada comunidade e fator estudado, além de alguns cruzamentos de fatores como escolaridade e faixa etária, renda e difusão de tecnologia e outros.

## Resultado e Discussão

### Aspectos Sociais

As comunidades mais antigas são as dos quilombolas de Itacuruçá-Alto e de Vila Moiraba e a mais nova é a de Guarumã. Observou-se que mais de 50 % dos produtores tem mais de 30 anos em suas comunidades e a maioria nasceram na própria comunidade.

O gênero masculino foi predominante em relação ao feminino nas atividades agrícolas. A média de idade do sexo masculino foi de 44 anos e do feminino de 42. Mais de 70 % são casados em Itacuruçá-Alto, Guarumã e Vila Moiraba e 39 % em Porto Grande. Já no Trevo 90 % dos agricultores mantêm união estável e apenas 10 % são casados. A maioria professa o catolicismo e o lazer mais comum é o futebol. No aspecto saúde a grande maioria recebe atendimento no próprio município e em alguns casos na comunidade. A consulta médica é o principal serviço de saúde.

O ensino fundamental está presente em todas as comunidades mais a ausência do ensino médio obriga o deslocamento de estudantes para a sede dos municípios. Em média 66,45 % dos agricultores possuem o ensino fundamental incompleto. O segundo grau foi concluído por 5,16 %, sendo que 14,84 % possuem o 2º Grau incompleto. Nenhum agricultor possui nível superior completo (Tabela 1).

TABELA 1. Escolaridade dos agricultores familiares na região do Baixo Tocantins-PA em 2009.

Porcentagem	Escolaridade			Ensino Fundamental			Segundo Grau	Terceiro Grau		TOTAL
	Menores	Alfabetização	Analfabetos	Incompleto	Completo	Incompleto	Completo	Incompleto	Completo	
Itacuruçá-Alto	9,52	2,38	7,14	69,05	0,00	7,14	2,38	2,38	0,00	100,00
Guarumã	0,00	5,00	10,00	52,50	7,50	17,50	5,00	0,00	2,50	100,00
Açaizal	8,77	3,51	0,00	71,93	0,00	15,79	0,00	0,00	0,00	100,00
Porto Grande	7,41	1,23	0,00	61,73	0,00	24,69	4,94	0,00	0,00	100,00
Vila Moiraba	1,82	3,64	1,82	63,64	1,82	10,91	12,73	3,64	0,00	100,00
Trevo	5,71	0,00	0,00	85,71	0,00	2,86	5,71	0,00	0,00	100,00
<b>Total Geral</b>	<b>5,81</b>	<b>2,58</b>	<b>2,58</b>	<b>66,45</b>	<b>1,29</b>	<b>14,84</b>	<b>5,16</b>	<b>0,97</b>	<b>0,32</b>	<b>100,00</b>

Mais de 50 % dos agricultores não participam de programas de governo nas comunidades de Guarumã, Açaizal, Porto Grande e Vila Moiraba. Nenhum agricultor do Trevo participa de

programa social, provavelmente pela presença de empresas do agronegócio de óleo de palma e coco. O Bolsa Família é o programa de maior abrangência na região.

### Aspectos Econômicos

Para 46 % dos agricultores a cultura da mandioca é a principal fonte de renda. Em Açaizal representa a principal fonte de renda para 94,4 % dos agricultores. A pimenta-do-reino foi identificada como a segunda fonte de renda para 18 % dos agricultores de Guarumã e para 15,7 % de Porto Grande. Como complemento de renda aparece a aposentadoria e o bolsa família (Figura 1).

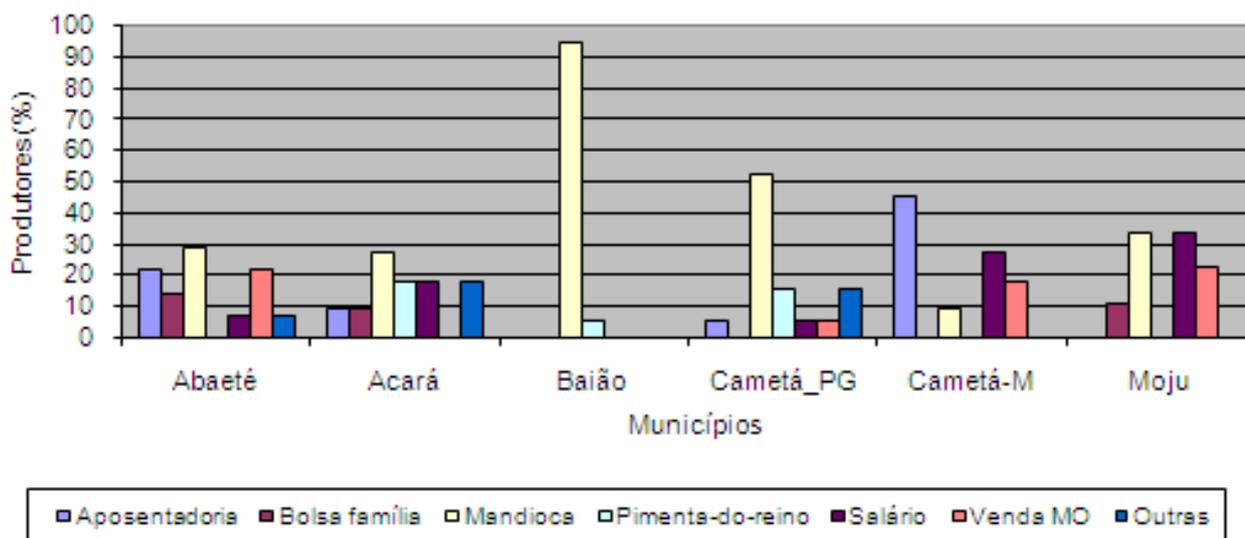


FIG. 1. Fontes de renda dos agricultores familiares na região do Baixo Tocantins, Pará, em 2009.

O tamanho médio dos roçados de mandioca é de 1,2 ha. Nas comunidades pesquisadas 66,6 % estão satisfeitos com a cultura da mandioca. Os mais satisfeitos, 88,2 %, pertencem à comunidade de Açaizal com produtividade média de 26,53 t/ha.

O uso da mão de obra familiar é uma característica deste perfil de agricultores, sendo comum em todas as comunidades estudadas. Contudo, há contratação de mão-de-obra complementar, especialmente para as operações de capinas e colheita.

O custo médio do preparo de área, em 2009, variou de R\$ 124,73 em Vila Moiraba a R\$ 287,14 em Itacuruçá-Alto. Para plantar uma tarefa (0,3 ha) de mandioca são necessários 5 dias/homem e a colheita pode ser feita com 8 dias/homem.

A farinha é o produto mais comercializado por 93,62 % dos agricultores do Baixo Tocantins. Somente 6,38 % dos agricultores da comunidade do Trevo disseram comercializar a mandioca em raiz, provavelmente em razão da instalação da fecularia Amazon Amidos em 2008, nesse

município. 53,33% comercializam a farinha no comércio local e 33,33 % entregam a produção aos atravessadores (Figura 2).

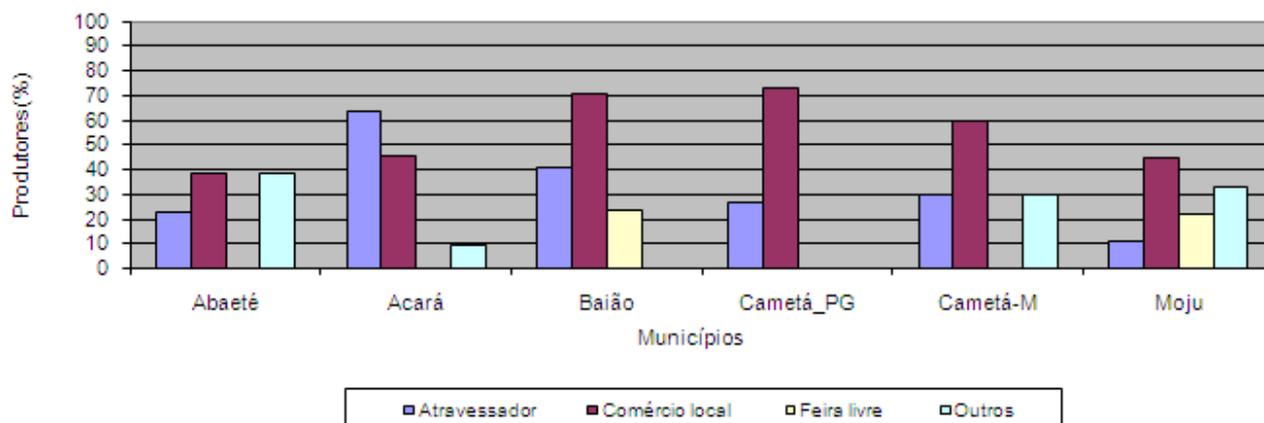


FIG. 2. Canais de comercialização de produtos da mandioca na região do Baixo Tocantins, 2009.

O PRONAF foi a maior fonte de financiamento para 42,4 % dos entrevistados seguido do FNO. O valor médio dos financiamentos foi de R\$ 4.327,43. Mais de 55 % dos agricultores não receberam acompanhamento técnico para o cultivo da mandioca, sendo que a Emater, presente em todos os municípios foi a entidade de assistência técnica mais citada. Constatou-se uma interação positiva entre o agricultor assistido e a renda obtida, o que mostra a importância da assistência técnica no processo de difusão e adoção de tecnologias por agricultores familiares.

As associações de agricultores foram a principal fonte de informação para a maioria dos agricultores. A segunda foi a televisão, e a terceira a Emater. O rádio também foi citado como importante fonte de informação de difusão de tecnologias para cultivo da mandioca.

### Aspectos Fundiário, Estrutural e Organizacional

A maioria da aquisição dos lotes dos agricultores foi por meio de herança, porém a compra do lote ocorreu em todas as comunidades, com destaque para Porto Grande e Vila Moiraba, mas a grande maioria dos agricultores não possui título definitivo da propriedade.

Com relação à moradia mais de 95 % dos agricultores possuem casa própria em Vila Moiraba e Porto Grande. Já em Itacuruçá-Alto (Abaetetuba) e Trevo (Moju) o percentual de agricultores que não possuem casa própria é de 54 % e 67 %, respectivamente (Figura 3). A energia elétrica está presente na maioria das comunidades.

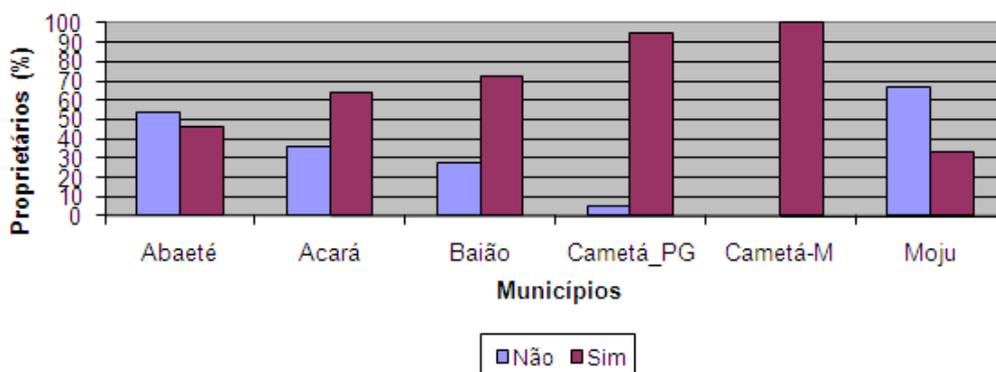


FIG. 3. Percentual de agricultores que possuem casa própria no Baixo Tocantins-PA, em 2009.

Com relação à segurança os agricultores do Trevo e de Vila Moiraba informaram que não possuem serviços de policiamento em suas comunidades. Nas demais comunidades o percentual é bastante significativo, chegando a 94 % em Açaizal.

O ônibus é o transporte mais utilizado para o deslocamento da comunidade até a sede do município. O barco também é utilizado como importante meio de transporte para 100 % dos agricultores de Porto Grande e 90 % de Vila Moiraba, por serem comunidades situadas à margem do Rio Tocantins. Transportes como vans e moto-taxi também são utilizados.

Em todas as comunidades os agricultores possuem o próprio forno para fazer farinha, mas de modo bastante rudimentar. Alguns agricultores fabricam em fornos do vizinho e 9 % fabricam a farinha em fornos comunitários. O poço comum é a fonte de água mais utilizada em 53 % das habitações. A água encanada foi identificada como a segunda principal fonte para 38 % das moradias. São utilizados ainda o poço artesiano e os igarapés.

O fogão a gás é o utensílio doméstico mais freqüente em 84,5 % das propriedades rurais. A televisão está presente em 69,4 % das residências de Porto Grande e em 8,3 % das residências de Guarumã. O nível de associativismo dos agricultores familiares do Baixo Tocantins é elevado superando a taxa de 90 % em todas as comunidades investigadas.

### Conclusão

A maioria dos agricultores possui baixo grau de escolaridade, o que dificulta o entendimento e a adoção de tecnologias inovadoras.

A mandioca, cultivada em pequenas áreas e tendo a farinha como principal produto, ainda é a principal fonte de renda dos agricultores na região Baixo Tocantins, Pará.

A estrutura disponível nas propriedades é deficitária afetando o processamento da raiz, a qualidade da farinha e a comercialização da produção.

### **Referências**

ALVES, R. N. B.; MODESTO JÚNIOR, M. de S.; ANDRADE, A. C. da S. O trio da produtividade na cultura da mandioca: estudo de caso de adoção de tecnologias na região no Baixo Tocantins, Estado do Pará. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INSTITUIÇÕES DE PESQUISA TECNOLÓGICA, 2008, Campina Grande. **Os desníveis regionais e a inovação no Brasil**: os desafios para as instituições de pesquisa tecnológica. Brasília, DF: ABIPTI, 2008. 1 CD-ROM.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Cidades**: Produção Agrícola Municipal. Lavoras Temporárias e Permanentes, 2009. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 31 de mar/2011.